



## Notícias falsas

Repensando as *fake news* nas redes sociais digitais a partir de notícias falsas impressas sobre política brasileira (séc. XX)



**Petrisson Pinheiro**

Conferência proferida no Seminário de Linguagem e Tecnologia (SELITE) do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará (UFC), em dezembro de 2022. O tema do evento foi “(Des)ordem informacional nas redes sociais: do discurso de ódio à liberdade de expressão”.



# Notícias falsas

Repensando as *fake news* nas redes sociais digitais a partir de notícias falsas impressas sobre política brasileira (séc. XX)



Petrisson Pinheiro

Nos últimos dois anos, minhas publicações têm focado a questão das *fake news* no contexto atual e sua relação com o ensino na Educação Básica. Publiquei, em 2022, um artigo intitulado “Da utopia da participação global na Web 2.0 às fake news nas redes sociais: uma discussão epistemológica para uma educação crítica”, no qual mostro como os elementos de natureza sociotécnica das mídias sociais, ao envolverem agentes humanos e não humanos, são mais complexos do que os das mídias de massa consideradas tradicionais, típicas do século XX.

No mesmo artigo, ao comparar o *modus operandi* das mídias de massa ao das mídias sociais da internet, aponto, com base em Jan Blommaet (2020, p. 392), que as primeiras se baseiam em “modelos lineares de comunicação política de massa, em que as mensagens e significados de atores poderosos são repassados ao ‘público’ por meios de comunicação pertencentes ou operados por atores que compartilham os mesmos interesses que aqueles articulados pelos atores poderosos”. Já as redes sociais da internet, além de se valerem desse expediente das mídias de massa, também se pulverizam em nichos muito fragmentados e específicos, marcados pela onipresença de algoritmos de inteligência artificial que criam um fluxo comunicacional complexo e muito diferente de qualquer modelo de comunicação que até então nós, seres humanos, já havíamos experienciado.

Contudo, ao afirmar que os elementos não humanos de inteligência artificial são agentes exclusivos das mídias sociais atuais – o que é verdade –, sem apontar exemplos específicos relativos às mídias de massa impressa, ainda que meu foco fossem as redes sociais da internet, talvez eu tenha passado a ideia equivocada de que as mídias impressas do século XX estariam imunes às *fake news* e às suas consequências deletérias. De fato, a história não é – e não foi – bem essa!

Na tentativa, então, de desfazer uma suposta crença de que as mídias impressas não sofreriam os efeitos nocivos das *fake news*, trago e comento aqui alguns exemplos emblemáticos do contexto político brasileiro que mostram, contrariamente, que as *fake news* tiveram impactos muito significativos, inclusive com resultados que alteraram o curso de episódios da história política brasileira. Nesse sentido, procuro destacar como a mídia impressa goza(va) de um *status* de verdade inquestionável, proveniente do imaginário social de que a fidedignidade das informações que veicula era (e ainda é) garantida pela própria autoridade histórica do texto escrito, construída por séculos. Penso que, ao fazer essa reflexão sobre as notícias falsas da mídia impressa no contexto político brasileiro do século XX, é possível também ter um olhar mais amplo e complexo sobre as *fake news* das redes sociais atuais da internet.

Para entender o poder e a autoridade outorgados aos veículos de comunicação em massa, como o jornal impresso, realizei um levantamento sobre notícias falsas históricas que marcaram o cenário político brasileiro em diferentes contextos no século XX e “abalaram a história do Brasil”, como disse Werneck de Castro (1974), inclusive trazendo imagens originais escaneadas das publicações dessas notícias falsas.

Bem, devo ainda destacar que procuro escrever este texto na forma de um ensaio em que ora o acadêmiquês se mostra mais proeminente, ora os desejos recônditos de dissipá-lo afloram em mim, embora sem sucesso, porquanto, não raro, as fronteiras entre o discurso acadêmico

e a escrita não acadêmica não são tão marcadas, como o céu e a terra, que se fundem tal qual uma bela e complexa imagem pictórica cujo horizonte se torna um *continuum* e, portanto, uma parte do primeiro e da segunda...

No dia 16 de outubro de 1972, o jornal *POLITIKA*, um semanário produzido no período de 1971 a 1974, na edição de número 52, publicou um primoroso artigo do jornalista e escritor Moacir Werneck de Castro, intitulado “Assim nascem as ditaduras”, para rememorar então os 35 anos do Plano Cohen e do Estado Novo. O artigo é, a meu ver, bastante interessante, não apenas por rememorar o Plano Cohen e situá-lo num contexto sociopolítico mais amplo do que chamou de “três grandes falsificações que abalaram a história do Brasil”, mas, sobretudo, por trazer uma discussão sobre a “utilização de documentos falsos para criar fatos históricos” – o que atualmente chamaríamos de *fake news*. Segundo Werneck de Castro, a primeira das três famosas falsificações da “história do Brasil contemporâneo” foi, em ordem cronológica,

[...] o caso das cartas atribuídas a Artur Bernardes, então presidente do Estado de Minas Gerais e candidato à presidência da República, em 1922. Elas se situaram no epicentro de uma questão militar das mais graves; quase impediram a eleição e a posse de Bernardes e foram uma das causas do primeiro 5 de julho. Eram completamente falsas as cartas, mas ainda há pouco se viu um ex-tenente daquele tempo e prócer da República Nova referir-se a elas como “questão controvertida”: alguma coisa ficou (Werneck de Castro, 1972, p. 3).

As duas cartas, publicadas em 9 e 10 de outubro de 1921 no jornal *Correio da Manhã*, tornaram-se, à época, muito conhecidas porque seriam, supostamente, de autoria de Artur Bernardes, então presidente

do estado de Minas Gerais e candidato à presidência da República, com ofensas a militares, como o marechal Hermes da Fonseca, e ao candidato à presidência da República Nilo Peçanha. Após a publicação das duas cartas, acirrou-se a oposição dos militares a Artur Bernardes, que se somou a um contexto de muita instabilidade política, conforme assevera Alzira Alves Abreu:

A publicação das cartas ocorreu em um momento de grande instabilidade política, quando apareceram de forma mais nítida as disputas e conflitos entre as oligarquias paulista e mineira e o descontentamento dos militares e dos setores urbanos com o encaminhamento das questões políticas e o funcionamento do sistema eleitoral. As eleições sofriam com a falsificação das atas eleitorais, com a alteração do número de votantes, com o controle do voto do eleitor, e com a ação da própria Comissão de Verificação de Poderes do Legislativo, que podia eliminar um candidato eleito. As fraudes podiam ocorrer tanto no plano federal quanto nos planos estadual e municipal (Abreu, 2015, s/p).

Abreu (2015) também aponta que os verdadeiros autores das cartas publicadas pelo *Correio da Manhã* foram Pedro Burlamaqui, Oldemar Lacerda e Jacinto Cardoso de Oliveira Guimarães, que somente confessaram a falsificação das cartas no dia 24 de março de 1922, portanto quase um mês após as eleições presidenciais, ocorridas em 1º de março daquele mesmo ano. Apesar de toda a celeuma que as cartas falsas provocaram, Artur Bernardes foi o candidato vitorioso no pleito. Todavia, vale destacar que, durante seus quatro anos de governo (1922 a 1926), o presidente teve de enfrentar o movimento tenentista e o início de um processo de ruptura política que desembocaria na Revolução de 1930.

...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...

**ULTRAJE  
AO EXERCITO**

...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...

...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...

**INJURIOSO E ULTRAJANTE**

**O sr. Artur Bernardes lança a pécha de venalidade sobre os officiaes do Exército**

**UMA AMEAÇA AO PRESIDEN-  
TE DA REPUBLICA**

Uma das viagens precipitadas que o sr. Raul Soares fez a Bôca Lirrereta para se consultar de convenção Bernardes, recebeu a seguinte resposta: "O sr. Raul Soares não tem o direito de se consultar de convenção Bernardes, porque Bernardes não é um homem de governo, mas um homem de partido..."

...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...

...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...

**A Jure Giffel**  
ARTIFICIOS FINOS  
DE QUALIDADE  
E PREÇOS BASTANTE BAIXOS

**AMEIDA RABELO**  
Advogado  
Rua da Bahia, nº 100

**Dr. Helle Magalhães**  
Advogado  
Rua da Bahia, nº 100

**Roy Barboza na Cêrca de J. J. Lacerda**  
Intelectual

**Machete para Lavagem**  
Machete para Lavagem  
Machete para Lavagem

**U' record' da última**  
U' record' da última  
U' record' da última

**A' PRAÇA**  
A' PRAÇA  
A' PRAÇA

**AMEIDA RABELO**  
Advogado  
Rua da Bahia, nº 100

**Roy Barboza na Cêrca de J. J. Lacerda**  
Intelectual

**Machete para Lavagem**  
Machete para Lavagem  
Machete para Lavagem

**U' record' da última**  
U' record' da última  
U' record' da última

**A' PRAÇA**  
A' PRAÇA  
A' PRAÇA

...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...  
...a, manifestou-se...

Figura 1: "Injurioso e ultrajante": primeira carta publicada no Correio da Manhã, em 9 de outubro de 1921 (p. 2).

1 Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/089842\\_per089842\\_1921\\_08255.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/089842_per089842_1921_08255.pdf). Acesso em: 15/04/2020.



A segunda falsificação famosa foi o então chamado “Plano Cohen”<sup>5</sup>, ao qual Werneck de Castro se refere da seguinte forma em seu artigo:

O PLANO Cohen fez 35 anos no dia 30 de setembro último. Quarenta dias depois dele vinha o Estado Novo. Entre a publicação do Plano Cohen e a implantação do Estado Novo há um vínculo estreito. Um nasceu do outro. Mas enquanto o Estado Novo ganhou estatuto de realidade, de dado irreversível da história brasileira, o Plano Cohen logo iria entrar para a galeria das grandes falsificações. Ficou sendo um mito que muitos citam, todos desprezam e pouquíssimos conhecem na sua intimidade estranhamente reveladora (Werneck de Castro, 1972, p. 3).

O Plano Cohen, segundo Werneck de Castro, foi um documento divulgado em setembro de 1937 pelo general Pedro Aurélio de Góes Monteiro, então Chefe do Estado-Maior do Exército brasileiro, no programa de rádio oficial do governo Hora do Brasil e, em seguida, publicado nos jornais como um suposto plano de tomada do poder pelo Partido Comunista Brasileiro e por organizações comunistas internacionais, cujo objetivo seria o de derrubar o então presidente Getúlio Vargas.

O suposto documento previa uma forte mobilização dos trabalhadores para a realização de uma greve geral, o incêndio e a depredação de prédios públicos, manifestações populares, liberdade de presos políticos, saques e até a eliminação das autoridades civis e militares que se opusessem a uma insurreição armada. Pouco tempo depois da divulgação do plano no programa de rádio, houve uma reunião da alta cúpula militar do país, que não apenas legitimou, sem qualquer questionamento, a autenticidade do suposto “plano comunista”, como também autorizou sua publicação na imprensa jornalística (Figura 3):

---

<sup>5</sup> A origem do nome “Cohen”, atribuído ao plano, ainda é controversa. Segundo o depoimento do então capitão Olímpio Mourão Filho, o nome “Cohen” foi usado porque o plano teria sido assinado pelo chefe comunista húngaro Bela Kun, que, no documento, por um erro do datilógrafo, teria saído “Bela Cohen”. Outra versão, porém, vê a mudança para “Cohen” como intencional, dado que se trata de um sobrenome de origem judaica, o que seria, portanto, mais um elemento que reforçaria a reação do governo naquele período de ebulição do nazifascismo e de perseguição aos judeus.

### O comício de hontem, promovido pela Aliança Democrática dos Marítimos

#### GRANDE MULTIDÃO COMPREZEU A PRAÇA BARÃO DE TEFFÉ E OVACIONOU CALOROSAMENTE O CANDIDATO NACIONAL



Repto de grande comício de hontem, na praça Barão de Teffé, em propaganda da candidatura de Calmon

Profundas emoções acompanharam o comício que se realizou na noite de ontem, a partir da praça Barão de Teffé, promovido pela Aliança Democrática dos Marítimos, em homenagem ao candidato nacional Calmon de Castro. O comício foi presidido pelo Sr. Calmon de Castro, que fez um discurso emocionante, elogiando a obra do Sr. Calmon de Castro e pedindo a sua eleição para o cargo de Presidente da República.

**A PRESENÇA DO CANDIDATO NACIONAL**  
O Sr. Calmon de Castro, candidato nacional, esteve presente no comício, onde fez um discurso emocionante, elogiando a obra do Sr. Calmon de Castro e pedindo a sua eleição para o cargo de Presidente da República.

**Diminuem as esperanças de convencimento do Duce de retirar os voluntários da Hespanha**

### PARA A ALLEMANHA, A NOTA ANGLO-FRANCEZA CONSTITUE UM CONTRA-TIPO POLITICO

London, 30 de Setembro de 1937. — A nota franco-inglesa enviada a Berlim, em 29 de Setembro, constitui um contra-tipo político para a Alemanha. A nota, que foi enviada em nome do governo britânico e francês, contém uma série de acusações contra o regime nazista, incluindo a violação da liberdade de imprensa e a perseguição aos judeus.

**UN FUNCIONARIO FLUMINENSE RAZO**  
Um funcionário fluminense foi preso por causa de retrato de José Getúlio Vargas. O funcionário, cujo nome não foi revelado, foi acusado de ter produzido e distribuído retratos do presidente sem a devida autorização.

**PRE-3**  
A Comissão de Trabalho da Câmara Municipal de Rio de Janeiro, em sessão de ontem, decidiu sobre o projeto de lei que estabelece o salário mínimo para os trabalhadores urbanos.

### As instruções do Komintern para a acção dos seus agentes contra o Brasil

#### O theatroso plano foi apprehendido pelo Estado-Maior do Exercito

As instruções do Komintern para a acção dos seus agentes contra o Brasil foram descobertas pelo Estado-Maior do Exército. O plano, que era extremamente detalhado, previa a realização de uma série de operações para a derrubada do governo brasileiro.

**A planificação da violência**  
O plano previa a realização de uma série de operações para a derrubada do governo brasileiro. As operações eram planejadas para serem realizadas em diferentes partes do Brasil, com o objetivo de causar o maior dano possível ao regime.

**A missão dos chefes militares**  
Os chefes militares foram instruídos a manterem-se neutros em relação ao plano. No entanto, o plano previa a possibilidade de uma intervenção militar caso o plano não fosse bem-sucedido.

**O CONSELHO NACIONAL DE PROPAGANDA**  
O Conselho Nacional de Propaganda foi informado sobre o plano. O conselho decidiu que não deveria apoiar o plano, pois ele era considerado uma ameaça à soberania do Brasil.

**Aplicação de apreensão**  
O plano previa a aplicação de apreensão em diferentes partes do Brasil. A apreensão era planejada para ser realizada em locais estratégicos, com o objetivo de causar o maior dano possível ao regime.

**Paderewsky prevê a chegada de mãos dadas para sua patria**  
Paderewsky prevê a chegada de mãos dadas para sua patria. O compositor polonês expressou sua esperança de que a Polónia fosse libertada e reunificada.

**LIBERDADE SEM PRESSÃO POLITICA**  
A liberdade sem pressão política é essencial para o desenvolvimento de um país. Sem a liberdade de expressão e de imprensa, um país não pode progredir.

**Explicação a obra**  
A obra de Paderewsky é uma expressão da sua profunda ligação com a Polónia. Sua música reflete a dor e a esperança do povo polonês.

**Se sair em japonês o candidato Getúlio Vargas**  
Se sair em japonês o candidato Getúlio Vargas, isso seria uma afronta à dignidade do Brasil. O Brasil deve apoiar o candidato brasileiro.

**Inteligencia e Hespanha**  
A inteligência e a Hespanha são elementos essenciais para o sucesso de um país. Sem a inteligência e a coragem, um país não pode superar as dificuldades.

**BOLA DE OURO**  
A BOLA DE OURO é um prêmio importante para os artistas brasileiros. Ela reconhece o talento e a criatividade dos artistas.

### COGITA-SE DA DESTRUIÇÃO DO THEATRO MUNICIPAL DE S. PAULO

#### COMO UM VEREADOR JUSTIFICA SUA INDICAÇÃO



de Paulo, Dr. Agostinho, declarou que se a indicação de destruição do Theatro Municipal fosse aprovada, isso seria uma grande perda para a cidade de São Paulo.

### EM 1936 FORAM REABILITADOS VITIS E DUAS MIL FLORES DE VIOLETA

Em 1936 foram reabilitados vitis e duas mil flores de violeta. O projeto foi realizado pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo.

**Uma campanha do mais**  
Uma campanha do mais foi realizada em São Paulo. A campanha visava promover a cultura e a arte brasileira.

**A campanha do mais**  
A campanha do mais foi realizada em São Paulo. A campanha visava promover a cultura e a arte brasileira.

**Uma campanha do mais**  
Uma campanha do mais foi realizada em São Paulo. A campanha visava promover a cultura e a arte brasileira.

**Uma campanha do mais**  
Uma campanha do mais foi realizada em São Paulo. A campanha visava promover a cultura e a arte brasileira.

**Uma campanha do mais**  
Uma campanha do mais foi realizada em São Paulo. A campanha visava promover a cultura e a arte brasileira.

**Uma campanha do mais**  
Uma campanha do mais foi realizada em São Paulo. A campanha visava promover a cultura e a arte brasileira.

**Uma campanha do mais**  
Uma campanha do mais foi realizada em São Paulo. A campanha visava promover a cultura e a arte brasileira.

**Uma campanha do mais**  
Uma campanha do mais foi realizada em São Paulo. A campanha visava promover a cultura e a arte brasileira.

Figura 3: Plano Cohen em Correio da Manhã, em 1 de outubro de 1937.

4 Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842\\_1937\\_13158.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1937_13158.pdf). Acesso em: 15/04/2020.

Teve, portanto, enorme repercussão, sobretudo em um momento histórico de campanha anticomunista por diferentes setores.

Contudo, diferentemente do primeiro caso famoso de falsificação ocorrido em 1921 (as “cartas” atribuídas a Artur Bernardes, publicadas no *Correio da Manhã*), o Plano Cohen teve resultados que alteraram o curso da história política brasileira. Isso porque, tão logo houve uma ampla divulgação do plano no *Correio da Manhã*, o governo solicitou ao Congresso Nacional, logo no dia seguinte, a decretação do Estado de Guerra, concedido no mesmo dia (1º de outubro de 1937). Com isso, o presidente Getúlio Vargas iniciou uma intensa perseguição a comunistas e a opositores políticos. Poucas semanas depois, Vargas autorizou, então, o Exército a cercar o Congresso Nacional e, ainda no mesmo dia, outorgou uma nova Constituição. Começava, assim, o período de ditadura da Era Vargas, que ficou conhecido como Estado Novo, que apenas terminaria em 1945, mesmo ano em que foi revelada a farsa do Plano Cohen pelo próprio general Góes Monteiro, ao confessar que o plano, na verdade, não passara de uma fraude para manter Getúlio Vargas no poder e tentar coibir qualquer tipo de ameaça comunista.

A terceira falsificação famosa, segundo o jornalista Werneck de Castro, foi a que ficou conhecida e divulgada na mídia como a “Carta Brandi” (Figura 4), uma “obra de falsários” que quase impediu a posse do então candidato a presidente, Juscelino Kubitschek, e do vice-presidente, João Goulart, em 1955. O nome “Brandi” foi atribuído à carta supostamente endereçada a João Goulart porque seu autor seria o então deputado argentino Antônio Jesús Brandi. A carta, escrita em papel timbrado da presidência da Câmara de Corrientes, na Argentina, fazia alusão a supostas articulações que João Goulart teria com o governo de esquerda argentino, do presidente Juan Domingo Perón, cujo objetivo era o de deflagrar um movimento sindicalista armado no Brasil. O documento seria, então, vendido a opositores de João Goulart um pouco antes das eleições presidenciais, porém, menos de um mês

depois de sua primeira divulgação na mídia (setembro de 1955), foi instaurado o inquérito que comprovou sua falsidade.



Figura 4: Divulgação no jornal *Correio da Manhã* de que a “Carta Brandi” é “incontestavelmente falsa”<sup>5</sup>.

Ao período histórico a que Werneck de Castro se refere (1921 a 1955), no qual ocorreram, segundo ele, as “três grandes falsificações que abalaram a história do Brasil”, acrescento ainda mais uma “grande falsificação” cujo impacto político teria sido decisivo no resultado de outra eleição presidencial. Nesse caso, não se trata propriamente de uma “falsificação”, mas de “interpretação” de uma simples frase proferida pelo brigadeiro e então candidato a presidente da República Eduardo Gomes, na eleição presidencial de 1946.

Durante a campanha eleitoral daquele ano, Eduardo Gomes, ao discursar para a elite carioca em um evento no Teatro Municipal, a menos de quize dias da eleição presidencial, em um momento enfático de

<sup>5</sup> Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842\\_1955\\_19192.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1955_19192.pdf). Acesso em: 16/04/2020.

seu discurso, teria dito que não precisava do voto da “malta de desocupados que andam por aí”. A expressão “malta de desocupados” seria uma referência a sindicalistas do Partido dos Trabalhadores Brasileiros (PTB), eleitores getulistas, que estariam engajados na campanha de seu opositor, o então candidato Eurico Gaspar Dutra.

A expressão talvez não tivesse um impacto político maior, não fosse a contribuição do empresário Hugo Borghi, que interpretou o termo “malta” como “turma de trabalhadores que comem em marmita”. Borghi fez com que essa sua interpretação fosse, então, divulgada em várias emissoras de rádio pelo país, espalhando, assim, a ideia de que o candidato Eduardo Gomes estaria desprezando o voto dos “marmiteiros”. Em poucos dias, houve divulgação em massa de materiais impressos que foram decisivos no resultado do pleito eleitoral, como o panfleto em apoio aos “marmiteiros” e contra Eduardo Gomes, que trazia as canções “A Canção do Brigadeiro” e “Canção dos Marmiteiros”, compostas por João Sampaio D’oria (Figura 5); a marchinha “Marmiteiro”, composta por Waldomiro Lobo e interpretada por Murilo Caldas; e o personagem de charges políticas “Zé Marmiteiro”, criado pelo caricaturista José Nelo Lorenzon, que passaria a ocupar diariamente as páginas do *Jornal de São Paulo* (Figura 6). Todos esses textos, divulgados em massa na imprensa e nas ruas, iniciados a partir da famigerada frase que teria sido proferida por Eduardo Gomes, que até então aparecia como candidato favorito, certamente contribuíram para que ele perdesse as eleições para seu opositor, o candidato Dutra.

6045 00 0017

## A Canção do Brigadeiro

A' **Edú Ardo Gomes**

Você não come em "Marmita",  
Porque lhe sobra o dinheiro?  
Vote, então, na "Favorita"  
— A chapa do Brigadeiro.

Mas, se come na "Marmita"  
Porque lhe falta o dinheiro,  
Então vote, contra a "Dita",  
— A chapa do Brigadeiro.

JOÃO SAMPAIO D'ORLA

## A Canção dos Marmiteiros...

A' **Edú Ardo Gomes**

Os que comem na "marmita",  
Neste Brasil de "granfinos",  
Bagaceira, que desdita!  
Por azar de teus destinos.

Vão votar — espere a "grita",  
Espere até desatinos —  
Só na chapa "Favorita",  
Dos desejos "Getulinos"...

Tudo porque, Bagaceira,  
Não tem limite a besteira  
Do "Major" dos Brigadeiros.

Nele, só quer que vote  
Quem for "dandy" ... de "cocôte"  
E nunca os "tais Marmiteiros"...

JOÃO SAMPAIO D'ORLA

# Trabalhadores!

Na defesa de nossas leis sociais e para garantir de teus direitos, votai em nosso  
— amigo e lider —



Getulio Dorneles Vargas  
Candidato a Senador e Deputado pelo  
NOSSO PARTIDO  
Partido Trabalhista Brasileiro.

Figura 5: Panfleto em apoio aos "marmiteiros" e contra Eduardo Gomes, que trazia duas canções compostas por João Sampaio D'oria: "A Canção do Brigadeiro" e "Canção dos Marmiteiros..." na campanha presidencial de 1946.



Figura 6: personagem de charges políticas “Zé Marmiteiro”, criado por José Nelo Lorenzon<sup>6</sup>

## Marmiteiro<sup>7</sup>

(Waldomiro Lobo)

*Vamos entrar pro cordão dos marmiteiros*

*Vamos entrar pro cordão dos marmiteiros*

*E quem não tiver pandeiro*

*Na marmita vai tocar*

*E quem não tocar*

*Quá, quá, quá*

*Nós vamos cantar, nós vamos cantar*

*Nós vamos cantar, nós vamos cantar*

*“Marmiteiro! Marmiteiro!”*

*Todo mundo grita*

*“Marmiteiro! Marmiteiro!”*

*Todo mundo grita*

[...]

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1578464725932879-ze-marmiteiro-2>. Acesso em: 16/04/2020.

<sup>7</sup> Marchinha “Marmiteiro”, composta por Waldomiro Lobo e interpretada por Murilo Caldas em 1946.

Ao examinar os exemplos de notícias falsas históricas publicadas na mídia impressa que marcaram o cenário político brasileiro, em diferentes contextos no século XX, e que “abalaram a história do Brasil”, vale fazer menção ao célebre livro *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, em que Benedict Anderson destaca um produto cultural simbólico que teve papel fundamental na formação e na consolidação da ideia de nação como comunidade imaginada: o jornal impresso. De fato, segundo o autor, o fenômeno do capitalismo editorial, através da tecnologia de imprensa, fez com que o jornal se tornasse um veículo de comunicação em massa ideal, que proporcionou “meios técnicos para ‘re-presentar’ o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação” (Anderson, 2008, p. 55). Nesse sentido, Lilia Schwarcz assevera que esse fenômeno do capitalismo editorial demonstra

[...] como é por meio do material impresso que a nação se converte numa comunidade sólida, recorrendo constantemente a uma história previamente selecionada. O jornal, *que introduz notícias de locais distintos em tempos variados* - mas pressupõe sempre a ideia de contiguidade -, constituiria elemento recorrente nas práticas nacionais modernas. [...] A partir deles se daria uma espécie de confirmação hipnótica da solidez de uma comunidade, a qual naturaliza a história e o próprio tempo. *É possível imaginar nações quando uma determinada língua escrita se converte em um acesso privilegiado para a construção de verdades ontológicas* (Schwarcz, 2008, p. 12).

Com efeito, as forças uniformes e centralizadoras do nacionalismo moderno passaram a se consolidar a partir do século XVIII na Europa, com a convergência entre o capitalismo e a tecnologia da imprensa. Isso fez com que o jornal impresso se tornasse, segundo Benedict Anderson, o principal meio para a “construção de verdades ontológicas”, ao possibilitar a unificação e a massificação da leitura das línguas vernáculas escritas, que se tornaram “oficiais” nos contextos de formação das nações modernas. Para Anderson (2008, p. 80), “o capitalismo tipográfico conferiu uma nova fixidez à língua, o que, em longo prazo, ajudou a construir aquela imagem de antiguidade tão essencial à ideia subjetiva de nação”. Ainda segundo o autor, essa imagem de antigui-

dade não apenas buscou escamotear a diversidade linguística, criando públicos leitores de massa e monoglotas, mas, sobretudo, possibilitou criar a imagem de uma relação direta e supostamente inequívoca entre língua oficial/nacional e nação.

Outro ponto particularmente relevante que torna o jornal um elemento fundante para que a nação seja concebida como uma comunidade imaginada sólida ao longo da história é sua relação com o tempo e o espaço. Quanto ao primeiro, Anderson (2008) destaca que a leitura diária do jornal é executada ao mesmo tempo no relógio e no calendário por agentes que não precisam se conhecer, e essa é a novidade desse mundo imaginado que o jornal invoca no espírito de seus leitores. “A ideia de um organismo sociológico atravessando cronologicamente um tempo vazio e homogêneo é uma analogia exata da ideia de nação, que também é concebida como uma comunidade sólida percorrendo constantemente a história” (Anderson, 2008, p. 67-68). A esse respeito, o autor aponta que o jornal

[...] cria o consumo em larga escala, uma extraordinária cerimônia de massa, cujo significado é paradoxal, uma vez que, por um lado, se realiza no silêncio da privacidade, mas, por outro, incute a ideia, em cada participante dessa cerimônia, de que a prática de leitura diária, regulada pelo relógio e pelo calendário, está “sendo repetida simultaneamente por milhares (ou milhões) de pessoas cuja existência lhe é indubitável, mas cuja identidade lhe é totalmente desconhecida” (Anderson, 2008, p. 67-68).

A prática de leitura diária, segundo o autor, se dá dentro de uma coincidência cronológica, em que a data no alto “do jornal, o seu emblema mais importante, fornece a principal conexão — o avanço constante do tempo vazio e homogêneo. Dentro desse tempo, ‘o mundo’ caminha inexoravelmente em frente” (Anderson, 2008, p. 65).

Em relação ao espaço, Benedict Anderson chama a atenção para o fato de que o leitor do jornal, “ao ver réplicas idênticas sendo consumidas no metrô, no barbeiro ou no bairro em que mora, reassegura-se continuamente das raízes visíveis do mundo imaginado na vida cotidiana”

(Anderson, 2008, p. 69). Essa relação do leitor com o espaço não se constitui apenas na percepção da existência de leitores em diferentes lugares, que leem as mesmas coisas, mas também na percepção de como essas mesmas coisas são espacialmente justapostas no jornal, o que constrói a ideia (imaginada) de vínculo entre esses leitores. Nesse sentido, Anderson traz exemplos bem elucidativos:

Qual é a principal convenção literária do jornal? Se olharmos uma primeira página qualquer do New York Times, por exemplo, teremos matérias sobre dissidentes soviéticos, a fome em Mali, um assassinato medonho, um golpe no Iraque, a descoberta de um fóssil raro no Zimbábue e um discurso de Mitterrand. Por que esses fatos estão justapostos dessa maneira? O que liga uns aos outros? Não um mero capricho. Mas é óbvio que a maioria deles ocorre de modo independente, sem que os agentes se conheçam ou saibam o que os outros estão fazendo. A arbitrariedade na inclusão e justaposição deles (uma edição posterior irá substituir Mitterrand por uma vitória no beisebol) mostra que o vínculo entre eles é imaginado (Anderson, 2008, p. 66).

Podemos, assim, dizer que o tempo, que é orientado pelo relógio e pelo calendário, dentro de uma coincidência cronológica, e o espaço, guiado pela percepção de leitores em diferentes lugares e pela própria justaposição das notícias, tornaram o jornal um meio técnico, mas, sobretudo, ideológico e político, que estabelece vínculo entre esses leitores através da sensação de copresença. Isso possibilitou que esses leitores passassem a se ver como concidadãos imaginados e, portanto, como pertencentes à mesma nação, também imaginada.

Ora, nesse sentido, o que há então em comum em relação às “grandes falsificações que abalaram a história do Brasil”, divulgadas por meios impressos? Como já aponteí, as cartas atribuídas a Artur Bernardes, o “Plano Cohen”, a “Carta Brandi” e a expressão “malta de desocupados” se constituíram em elementos de persuasão para criar fatos históricos falsos que marcaram, cada qual em sua época, o cenário político brasileiro. Contudo, isso só foi possível porque essas informações circularam em mídias impressas de massa, cujos leitores se viam como concidadãos imaginados e, portanto, como pertencentes a um Brasil também imaginado, a ponto de a “ficção se infiltrar contínua e silen-

ciosa na realidade, criando aquela admirável confiança da comunidade no anonimato que constitui a marca registrada das nações modernas” (Anderson, 2008, p. 69). Tal infiltração contínua e silenciosa da ficção na realidade cria, assim, simulacros, como os apontados nas quatro “grandes falsificações que abalaram a história do Brasil”.

Bem, ao fazer aqui um levantamento sobre notícias falsas históricas no meio político brasileiro do século XX, minha ideia é mostrar como os meios de comunicação de massa, em especial, o jornal, mesmo não envolvendo o uso de algoritmos em seu processo de produção, também foram e continuam sendo um lócus de divulgação de *fake news*. Certamente, se o presente texto tivesse vindo antes do artigo de minha autoria que mencionei logo no começo, a comparação que lá fiz entre as mídias de massa e as mídias sociais da internet teria sido mais completa e compreensível, ainda que o foco e o espaço que tinha naquele artigo não me permitissem elaborar essa expansão comparativa tão detalhada. Mas a academia é isto: sempre estamos refletindo, desaprendendo, reaprendendo, complementando e redefinindo o que aprendemos. Aliás, se não nos dispusermos a esses gerúndios que nos fazem perceber nosso processo de aprendizagem, para quê, afinal, serve a academia?

# Referências

ABREU, Alzira Alves. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira Republica 1889-1930*. São Paulo: FGV Editora, CPDOC, 2015.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BLOMMAERT, Jan. *Political Discourse in Post-Digital Societies*. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 59, n. 1, p. 390-403, jan./apr. 2020.

PINHEIRO, Petrilson. Da utopia da participação global na Web 2.0 às fake news nas redes sociais: Uma discussão epistemológica para uma educação crítica. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 9-28, 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Imaginar é difícil (porém necessário). Apresentação. In: ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WERNECK DE CASTRO, Moacyr. Plano Cohen e Estado Novo 35 anos depois. *Politika*, Rio, n. 52, p. 3-7, 16 a 22 out. 1972.



**Petrilson Pinheiro** é professor e atual diretor do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atua no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada dessa universidade, nas áreas de Linguagem, Educação e Sociedade. É coordenador do Grupo de Pesquisa “Multiletramentos na escola por meio da hipermídia” (CNPq), que envolve estudantes de graduação, mestrado, doutorado e pesquisadores de diferentes universidades. Suas pesquisas mais recentes são sobre ensino/aprendizagem de língua materna por meio do uso de tecnologias digitais da informação e da comunicação; interface entre letramentos escolares e

não-escolares em ambientes hipermediáticos; novos/ multiletramentos e formação de professores; produção textual e ética na internet.



**Modernismos: Poesia em Pernambuco – recortes**

Pedro Américo de Farias

**Concertar, consertar: Notas sobre preparação de originais e revisão de provas**

Leonardo Mordente

**Sobre a relação editor-autor**

José Luis de Diego

**Notícias falsas – Repensando as *fake news* nas redes sociais digitais a partir de notícias falsas impressas sobre política brasileira (séc. XX)**

Petrlson Pinheiro

## **CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET-MG)**

### **Diretora-Geral**

Carla Simone Chamon

### **Vice-Diretor**

Conrado Rodrigues

### **Chefe de Gabinete**

Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

### **Diretora de Educação Profissional e Tecnológica**

Lilian Aparecida Arão

### **Diretor de Graduação**

Moacir Felizardo de França Filho

### **Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação**

Laise Ferraz Correia

### **Diretor de Planejamento e Gestão**

Flávio Luis Cardeal Pádua

### **Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário**

Patterson Patrício de Souza

### **Diretora de Governança e Desenvolvimento Institucional**

Carolina Riente de Andrade

### **Diretor de Tecnologia da Informação**

Sandro Renato Dias

### **Diretor de Desenvolvimento Estudantil**

Leandro Braga de Andrade

## **DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA**

### **Chefe**

Sérgio Roberto Gomide Filho

### **Chefe Adjunta**

Ana Elisa Ribeiro

## **BACHARELADO EM LETRAS - TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO**

### **Coordenadora**

Joelma Rezende Xavier

### **Coordenadora Adjunta**

Mariana Jafet Cestari



#### **Coordenadora**

Elaine Amélia Martins

#### **Comissão Editorial**

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

#### **Conselho Editorial**

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

Prof. Dr. Mário Vinicius Ribeiro Gonçalves (CEFET-MG, Brasil)

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras: Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

[www.led.cefetmg.br](http://www.led.cefetmg.br) | [led.cefetmg@gmail.com](mailto:led.cefetmg@gmail.com)

© Petrilson Pinheiro, 2024.

© desta edição, LED, 2024.

1ª edição, julho de 2024.

**Coordenação editorial da coleção**

Ana Elisa Ribeiro e Wagner Moreira

**Projeto gráfico e diagramação**

Antônio de Andrade

**Capa**

Antônio de Andrade e Ana Elisa Ribeiro

**Revisão de Texto**

Vanessa Alves

A "Coleção Aspas" tem o objetivo de publicar textos que originalmente foram falados, como conferências, palestras e aulas, de pesquisadores e pesquisadoras convidados/as.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária

Bibliotecário Wagner Moreira de Souza – CRB6 - 2623

Pinheiro, Petrilson

P654

Notícias falsas [recurso eletrônico]: repensando as fake news nas redes sociais digitais a partir de notícias falsas impressas sobre política brasileira (séc. XX)/ Petrilson Pinheiro. Belo Horizonte: LED, 2024.

26 p. (Coleção Aspas)

ISBN: 978-65-87948-50-8

1 - Comunicação de massa 2 - Ciência política.. I. Título.

CDD: 301.161



“ Coleção  
aspas ”

”